

revista **ensaio**
fotográfico

#4, 04/2018

EXPEDIENTE

A revista Ensaio Fotográfico é uma publicação eletrônica, distribuída gratuitamente, cujo propósito é promover a fotografia autoral e a pesquisa em fotografia produzidas principalmente em Minas Gerais no cenário nacional e internacional.

Atualmente a Revista Ensaio Fotográfico é uma produção independente, produzida pela CultivArte e conta com algumas parcerias para sua viabilização.

Editora
Madu Dorella

Curadores
Equipe FAC, Paula Huven, Tibério França

Colaboradores
Beto Eterovick, Dúnya Azevedo, Guto Muniz,
Madu Dorella, Marcelo Santos, Paula Huven,
Sylvia Vartulli, Sylvie Moyon, Tibério França e
Vânia Barbosa

Revisão
CultivArte

Direção de Arte
Beto Eterovick

Fotografia de capa
Vânia Barbosa

Email
revistaensaiofotografico@gmail.com

Facebook
www.facebook.com/revistaensaiofotografico





Editorial

4



Reflexão

7

Fotografias e texto SYLVIA VARTULLI



A Beleza dos Restos

19

Fotografias e texto VÂNIA BARBOSA



Os Yanomami na Fotografia de Cláudia Andujar

37

Texto DÚNYA AZEVEDO



A Chuva e a Cidade

45

Fotografias e texto MARCELO SANTOS



Longe das Luzes

61

Texto e Fotografias SYLVIE MOYEN

EDITORIAL

Idealizada pelo fotógrafo e professor Flávio Valle, a Revista Ensaio Fotográfico teve sua 1ª publicação em 2013 por meio de recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Foram realizadas 3 edições nas quais foram publicados ensaios fotográficos, ensaios acadêmicos e entrevistas que muito contribuíram para a divulgação de trabalhos de autores mineiros que vem se destacando, não só no cenário local como também nacionalmente. Alguns desses trabalhos ganharam prêmios relevantes, foram publicados ou expostos em importantes espaços culturais. Dessa forma, a Revista cumpriu o seu objetivo de dar destaque ao trabalho autoral dos fotógrafos, sendo uma nova vitrine para esses artistas.

Ao fim da 3ª edição a CultivArte assumiu

a gestão da revista, que sem os recursos oriundos das leis de incentivos, vem passando por um período de reavaliação e readequação, seguindo no firme propósito de fazer com que mais do que uma revista, ela continue sendo uma ação de incentivo à fotografia autoral, aos novos artistas e à pesquisa em fotografia, apresentando aos leitores conteúdo fotográfico relevante de forma gratuita e de fácil acesso.

Inaugurando agora esta nova fase, a Revista Ensaio Fotográfico dedica esta edição ao Núcleo de Fotografia, Arte e Cultura – Núcleo FAC e apresenta um artigo crítico da professora e pesquisadora Dúnya Azevedo que trata do magnífico trabalho realizado pela renomada fotógrafa Cláudia Andujar sobre os índios Yanomami.

Também são publicados 4 ensaios que foram escolhidos dentre os trabalhos, apresentados através de um edital, pelos alunos que cursaram os módulos de ensino do Núcleo FAC, durante o ano de 2017. Os professores Tibério França e Paula Huven foram convidados a avaliar os trabalhos e juntamente com os coordenadores do Núcleo realizaram a seleção.

Os trabalhos de Marcelo Santos – A chuva e a Cidade; de Sylvia Vartulli – Reflexão; de Sylvie Moyon – Longe das Luzes e de Vânia Barbosa – A Beleza dos Restos, nos trazem uma pequena mostra da sensibilidade, da inquietação e da potência das imagens que permeiam o pensamento e o olhar apaixonado desses fotógrafos. Esperamos que a publicação desta nova edição da Revista Ensaio Fotográfico possa

ser um incentivo para o surgimento de novos autores, mas que também desperte o desejo e a busca pelo aprimoramento e o desenvolvimento das imagens de cada fotógrafo.

Madu Dorella
Editora



REFLEXÃO

Fotografias e Texto SYLVIA VARTULLI

O ensaio Reflexão traz cenas fotografadas em espelhos d'água que propõem ao observador a ideia de dualidade e questionamento da veracidade das coisas. São imagens que podem ser vistas como leves e lúdicas, mas também admitem variadas interpretações.

Assim é o relativismo. Não existem verdades absolutas e universais. O que é bom e correto para um pode não ser para outro, e as diferenças devem conviver juntas. Essa filosofia caminha com a cultura, a moral e as crenças das sociedades.

No entanto, essa corrente de pensamento é ambígua. Frequentemente grupos extremistas que repudiam variadas ações, valores e formas de expressão, se postam contra o relativismo e seus princípios de liberdade, para censurar o que fere sua visão de moral. Assim, o bem comum e a liberdade de expressão têm sido sobrepostos

por interesses particulares dessas pessoas. Imagens de banhistas, que factualmente não apresentam nudez - mas lembram suas formas - podem facilmente instigar a imaginação de radicais e gerar tumulto.

Este ensaio traz imagens que podem ser relativizadas, dependendo do ponto de vista de cada pessoa. O reflexo das imagens na água em movimento não é previsível ou preciso, assim como a diversidade da sociedade. Formas podem ser abstraídas, o real pode parecer irreal e vice-versa, sem necessariamente existir certo ou errado.

Guimarães Rosa dizia que “Perto de muita água, tudo é feliz”. Será?





















A BELEZA DOS RESTOS

Fotografias e Texto VÂNIA BARBOSA

Até que pontos alguma coisa não serve para mais nada? Mesmo que não sirva, pode ser ela - a beleza - o que resta dos restos.

A BELEZA DOS RESTOS é um ensaio fotográfico que propõe pensar a relação do invisível que está por trás do visível.

Ao registrar esse ensaio através da fotografia, fui levada a pensar o significado de cada uma dessas palavras - Beleza e Restos - e também o encontro das duas.

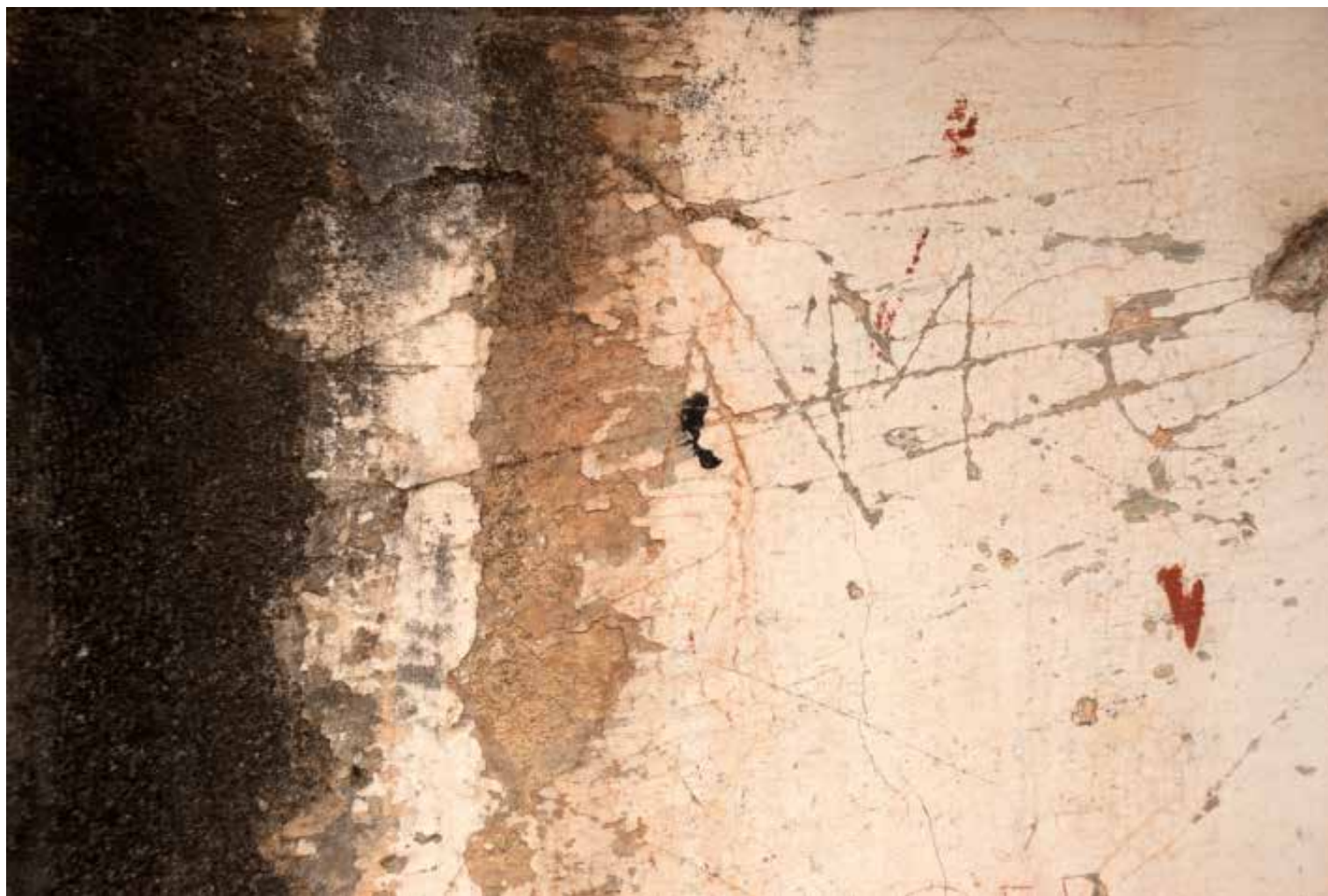
Resto - vem de restar, do latim *restare* e designa o que sobra de um conjunto do qual foram tiradas uma ou muitas partes. Escória, ruínas, sobras, migalhas, resíduos, entulho, excedente. Quase sempre, associados à sujeira, à doença, à morte e à miséria.

Beleza - Vem de *bellus*, do latim, significando “estado de ser belo” que se relaciona com

bonus, “bom”. Aquilo que agrada, que suscita admiração, que atrai o olhar. Quase sempre associada à vida, a natureza, ao prazer, ao amor.

Restos e Beleza caminham em direções opostas mas, se prestamos mais atenção, podemos observar que estão lado a lado. Caminham juntas no social, nos sonhos, no dia a dia. Podemos não perceber por estarmos acostumados a não ver ou a não querer ver. No livro *O Profeta*, Khalil Gibran nos fala sobre a beleza, e inicia da seguinte forma: “Onde procurareis a beleza e como podereis encontrar, a menos que ela mesma seja vosso caminho e vosso guia?”.

A beleza não é percebida fora se não for buscada do lado de dentro.

































OS YANOMAMI NA FOTOGRAFIA DE CLÁUDIA ANDUJAR

Texto DÚNYA AZEVEDO

O livro *Marcados*, da fotógrafa Claudia Andujar é composto de uma série de 82 fotos dos índios Yanomami realizadas entre 1981 e 1983 na região do Brasil entre Roraima e Amazonas. Naquela época, Andujar acompanhou dois médicos na realização de um trabalho ligado à saúde dos índios que tinham contato com o branco naquela região. O objetivo era fazer um levantamento da situação e da saúde dos índios em contato com o branco. Para isso era preciso identificar toda a população e coletar dados para a futura demarcação

de seu território (SENRA, 2009).

Para o trabalho fotográfico, foi utilizado o método tradicional de identificação: fundo neutro, retrato frontal com um número preso ao corpo do fotografado. Na visão dos criadores do projeto que visava a preservação da saúde dos indígenas era um simples registro neutro dos índios para constar nas fichas de identificação. A estética da simplicidade desses retratos deveria garantir a legibilidade do registro. No entanto, o formato “retrato de identificação”

é subvertido pelos fotografados que criam suas próprias encenações diante da câmera. Essa *mise-en-scène* é compartilhada pela fotógrafa que constrói as imagens a partir de sua experiência com aqueles povos.

A publicação do livro *Marcados*, em 2009, é um resgate desse trabalho desenvolvido no passado e uma forma de dar identidade àqueles que, naquele contexto histórico, foram rotulados e classificados como números pelo homem branco. Nesse projeto, Andujar retoma então, de forma poética, uma questão central em seu trabalho: as consequências traumáticas do contato da cultura indígena com o branco. A serialização das imagens e a repetição dos retratos na narrativa do livro confere a elas um novo sentido.

Cláudia Andujar identifica esse trabalho com sua própria história familiar, uma vez que algumas pessoas de sua família foram marcadas com números ao serem deportadas para os campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial. *Marcados* faz referência aos judeus marcados com a estrela de Davi costurada na roupa. Essa era a marca de identificação daqueles que seriam

deportados para os campos de extermínio na década de 1940 na Europa nazista. Claudia Andujar conta que foram marcados para morrer seu pai, seu tio e sua avó¹. Apesar de os números usados para a marcação dos índios não terem como finalidade a morte e sim a vida, Andujar viu nesse procedimento uma referência ao sistema de controle construído pelo mundo do branco (ANDUJAR, 2009).

A extensa obra fotográfica de Claudia Andujar sobre os índios Yanomami foi desenvolvida entre os anos 1970 e 1980 e compõe, no contexto da fotografia contemporânea, a iconografia dos povos indígenas no Brasil. Nascida na Suíça em 1931, Andujar viveu na Hungria e mudou-se para os Estados Unidos após perder quase toda sua família durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1955, se instala em São Paulo e começa a viajar pelo Brasil e pela América Latina, fotografando. A partir de 1967, a fotógrafa passou a colaborar com a revista Realidade, da Editora Abril. Em 1971, uma edição especial da Realidade sobre a Amazônia a conduz até os

1 <http://povosindigenas.com/claudia-andujar/>

Yanomami. Essa viagem marcou sua carreira e sua vida, pois a partir dessa experiência, Claudia decide abandonar São Paulo para viver entre Roraima e Amazonas junto aos índios com o objetivo de compreender e vivenciar a cultura desses povos.

Segundo a própria fotógrafa, um passado de guerra a levou a se interessar pela questão da justiça e das minorias. Ela encontra na fotografia uma forma de falar de si mesma por meio do outro. Sua atuação junto aos indígenas vai além da experiência como fotógrafa, ela se engaja na causa, especialmente dos povos Yanomami, dedicando seu tempo em defesa dos direitos territoriais e de sobrevivência daquele povo. Fotografou os Yanomami, com os quais tinha uma relação afetiva, durante mais de vinte anos. As imagens constituem uma memória que é resultado do compromisso e lealdade que perpassa a relação entre a fotógrafa e os fotografados.

A partir de 1973, durante os anos do “milagre brasileiro”, o território Yanomami na Amazônia brasileira foi invadido para a construção de uma estrada que abriria a Amazônia para a indústria. A mineração abriu as portas para a procura de ouro, diamantes, cassiterita, garimpos. Com

o contato com o branco, muitos índios adoeceram e morreram (ANDUJAR, 2009).

Em 1978, Andujar foi enquadrada na lei de Segurança Nacional pelo governo militar e foi expulsa do território indígena pela Funai. A partir daí, de volta a São Paulo, seu ativismo deu origem ao grupo de estudos em defesa da criação de uma área indígena Yanomami que foi o embrião da ONG Comissão pela Criação do Parque Yanomami. Andujar sempre esteve à frente da luta pela demarcação das terras desses indígenas, que ocorreu em 1992².

A aproximação entre os povos indígenas e o homem branco sempre foi traumática para os índios, seja pelo genocídio e doenças trazidas, seja pela imposição da cultura do branco, que via a do índio como primitiva e atrasada, ou pelos procedimentos de documentação desses povos que, muitas vezes, deixava sobrepor o elemento exótico ao etnográfico.

No século XIX, a fotografia era uma ferramenta científica que permitia produzir tipologias ou estatísticas úteis na identificação de raças e identidades. Ela,

2 <http://povosindigenas.com/claudia-andujar/>

muitas vezes, esteve ligada às questões de poder e de controle social, como mostram os clichês etnográficos, os retratos feitos pelos serviços de polícia ou os estudos sobre criminosos e loucos. Nas expedições etnográficas do início do século XX, a civilização indígena era vista e representada de forma passiva e à disposição dos recém-chegados. Muitas fotografias que compunham os álbuns etnográficos apresentavam índios com olhares medrosos ou curiosos diante da câmera. A fotografia serviu também à domesticação do índio no estúdio fotográfico, onde se articulava uma encenação deslocada da cultura nativa dos fotografados. Esses procedimentos alheios à cultura indígena provocavam traumas naqueles que, muitas vezes, aceitavam passivamente as imposições de outra cultura.

A ambiguidade do trabalho de identificação dos índios realizado na década de 1980, como a própria fotógrafa o define, está no fato de que ao mesmo tempo que a marcação dos corpos visa a identificação de cada um cujo propósito é salvar vidas, não deixa de ser uma invenção de uma cultura alheia que sempre provocou violência na aproximação. O próprio ato de fotografar traz essa ambiguidade às imagens, pois ele também é provocador de

trauma. “Vítimas do rastro de destruição deixado pelo branco, mas dele dependendo também para sua salvação, os Yanomami são, a um só tempo, condenados à morte e prometidos à vida” (SENRA, 2009, p. 129).

Como se sabe, a marca sobre o corpo se prestou, ao longo da história, ao controle das populações por um poder dominante. A própria experiência da guerra e da morte de parentes nos campos de concentração nazistas foi para a fotógrafa um trauma que ela não pode deixar de relacionar a essas imagens. Também para os índios, a marca no corpo e a disponibilidade para a imagem organizada para o mundo do branco evoca, em um certo sentido, o trauma de contatos violentos provocados pela cultura estrangeira. Trata-se aí, então, de imagens que revelam um duplo trauma, o do índio que se vê, mais uma vez, vítima do contato com a cultura do branco, e o da própria fotógrafa, vítima do que a intolerância racial foi capaz de produzir na Europa nazista do século XX.

A necessidade de reorganizar esse material e dar às imagens um novo sentido tantos anos após sua produção talvez seja, para Andujar, também uma forma de elaborar seu próprio trauma. Não mais *retrato de identificação* de uma raça com o objetivo

de reconhecimento, pela fotografia, das características físicas do outro, mas o que a artista faz é dar rosto ao índio como forma de restaurar a humanidade perdida pelo contato com uma cultura que quer se impor.

Para além da obra de documentação fotográfica, o ato instaura uma dimensão relacional entre mundos diferentes. De um lado o olhar da fotógrafa (e através dele, o do espectador), e de outro, o dos índios. Através da imagem, somos interpelados por esses que nos olham. A câmera que fabrica o outro através do olhar tem o olhar devolvido por esse outro, que em vários momentos, inverte o ritual do retrato de identificação. Alguns olham para a câmera como se a tivessem observando curiosamente, outros parecem temê-la, outros parecem dela zombar e alguns ainda parecem alheios a ela, como os exemplos a seguir.



MARCADOS, Cláudia Andujar, 2009.
Fonte: arquivo pessoal

As crianças que figuram nas fotos parecem acuadas diante da câmera como que diante de um bicho estranho na iminência de um ataque. Nessas fotos, o enquadramento vertical cortando pela cabeça e na altura das pernas as cerca ainda mais no quadro, reforçando o jogo caça-caçador. Em uma das fotos, uma mão, que parece ser de um adulto, segura a criança pelo braço garantindo que ela não irá fugir do procedimento que para a criança parece assustador. A submissão à cultura do branco pode ser percebida também no adesivo colado na barriga da criança fotografada em uma das fotos. Trata-se de um desenho de um urso com a inscrição “bear”.

Ao assumir que a fotografia também é causadora de choque, Andujar reforça a expressão das consequências do contato: não só o número pendurado no pescoço, mas a documentação pela imagem.

Bibliografia

ANDUJAR, Cláudia (2005). *A Vulnerabilidade do ser*. São Paulo: Cosac Naify.

ANDUJAR, Cláudia (2009). *Marcados*. São Paulo: Cosac Naify.

BARTHES, Roland (1984). *A Câmara Clara*. Nota sobre a fotografia. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

DIDI-HUBERMAN, Georges (1998). *O que vemos, o que nos olha*. Tradução de Paulo Neves - São Paulo: 2º Edição.

Entrevista Claudia Andujar (2010). *Fórum Latino-Americano de Fotografia de São Paulo*,. <http://povosindigenas.com/claudia-andujar/>

TACCA, Fernando de. O índio na fotografia brasileira: incursões sobre a imagem e o meio. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.18, n.1, jan.-mar. 2011, p.191-223.

SENRA, Stella. (2009). *O último Círculo*. In: *Marcados*. São Paulo: Cosac Naify.



A CHUVA E A CIDADE

Fotografias e Texto MARCELO SANTOS

A chuva é um fenômeno que impacta no cotidiano da cidade, alterando a rotina e frequentemente o comportamento das pessoas que circulam pelas ruas e avenidas. E é por essa razão que ela se torna um forte elemento para a captura de imagens na perspectiva da Fotografia de Rua. Andar por Belo Horizonte em dias chuvosos é uma experiência transcendente e aguçadora dos sentidos. Nos deparamos com uma variabilidade de situações envolvendo pessoas e cenários. Pessoas que tentam se proteger da chuva com seus guarda-chuvas

e sombrinhas de todo tipo. Tem guarda-chuva capenga estreito, tem sombrinha nova, mais larga; tem capa adquirida de última hora com o ambulante e tem até sacola improvisada. Tem gente que não quer molhar os pés e tenta driblar as poças, escolhendo geometricamente o caminho a percorrer. Tem gente que molha os pés, tem gente que corre ou que anda tranquilamente. E tem ainda aqueles que trabalham nas ruas. Tem trabalhador correndo da chuva ou permanecendo nela, em seu abrigo à espera do cliente.





























LONGE DAS LUZES

Fotografias e Texto Sylvie Moyon

Nos mercados livres das pequenas cidades do interior é possível ver, ouvir, tocar a essência da alma brasileira. Ali, longe das luzes, da pressa, da competição, da tecnologia que nos (des)conecta, um Brasil mais verdadeiro emerge: forte, simples, solidário, sábio.

No coração da Chapada Diamantina, fiz um

ensaio com o desejo de documentar este Brasil que quando chega até nós, moradores dos centros urbanos, chega quase sempre desfigurado: ora desprezado, ora explorado, ora transformado em produto exótico para consumo.



















COLABORADORES

Beto Eterovick

Biólogo de formação, mineiro de Belo Horizonte, Beto Eterovick é fotógrafo e trabalha há 15 anos no mercado de Minas Gerais, principalmente. Participou de diversas exposições coletivas no estado e mostras de fotografia. Atua no mercado publicitário e eventos, principalmente no ramo da fotogastronomia. Seu trabalho autoral gira em torno da cultura, natureza e pessoas das regiões brasileiras. É sócio fundador do Coletivo CultivArte e do Núcleo FAC, atuando na área da educação em fotografia e nas artes visuais com projetos de produção de exposições, mostras fotográficas, entre outras. Atualmente tem dedicado seu trabalho autoral aos estudos e ensaios sobre o campo das artes visuais, aquarela e fotografia.

Guto Muniz

Como fotógrafo, atua há trinta anos em projetos culturais. Foi responsável pela cobertura de diversas edições de importantes eventos das artes cênicas mineiras, como o FIT-BH, Festival Internacional de Teatro de Bonecos, Festival Mundial de Circo, Encontro Mundial das Artes Cênicas, Mostra Internacional de Solos e Duos, Horizontes Urbanos, Fórum Internacional de Dança, dentre outros. Criador da Foco in Cena, empresa dedicada a projetos fotográficos, culturais e educacionais. Como professor, ministra disciplinas de fotografia em diversos cursos de graduação e pósgraduação de Belo Horizonte. Criou e coordenou o curso “Fotografia, Arte e Cultura”, integrante do Programa de Desenvolvimento Profissional da PUC Minas. É sócio fundador do Núcleo FAC.

Marcelo Santos

Mineiro de Belo Horizonte. Antes de se tornar fotógrafo, formou-se em Psicologia e lecionou em Faculdades. Fotógrafo associado à Fototech - Associação de fotógrafos, tem grande interesse pela Fotografia Documental e, especialmente, pela Fotografia de Rua. Participação em Exposições e em Feiras de Arte: 2015 - Exposição individual sobre o Trabalho dos Garis na Virada Cultural de Belo Horizonte; 2016 - VII Exposição do Pernambuco Foto Clube com o tema: “Tributo a Sebastião Salgado”; 2017 - 2ª Exposição do Coletivo Olhar Plural com o tema “O Trabalho e os Trabalhadores” em São Paulo; 2017 - 3ª Feira de Fotografia, Ilustração e Design no Memorial Minas Gerais Vale; 2018 - Exposição coletiva na Casa Fototech no 8º Festival de Fotografia de Tiradentes.

Dúnya Azevedo

Dúnya Azevedo é doutora na área de Comunicação Social (UFMG), mestre em Design pela Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI/UERJ), possui graduação em Comunicação Social (PUC/MG). Tem experiência na área de Comunicação Social com ênfase em fotografia e design editorial.

É professora da Universidade Fumec, pesquisa sobre os regimes de sentido da imagem fotográfica e as relações entre arte, documento e memória.

Madu Dorella

Madu Dorella é fotógrafa, formada em Comunicação / Relações Públicas e Pós-graduada em Gestão Cultural. Tem estudos desenvolvidos sobre a estética do Grafite e trabalhos fotográficos em mostras, exposições e publicações. É sócia do Coletivo CultivArte, onde vem atuando efetivamente junto a grupos e entidades ligadas à fotografia e as artes no sentido de elaborar, produzir, promover e difundir projetos importantes para o cenário cultural do país. Membro do Forum Mineiro de Fotografia Autoral, participou como representante das Artes Visuais na Comissão Municipal de Incentivo a Cultura de Belo Horizonte e trabalha junto à organização do Festival de Fotografia de Tiradentes, na organização e curadoria de convocatórias. É sócia fundadora do Núcleo FAC.

Paula Huven

Paula Huven é fotógrafa, artista e pesquisadora. Mestre em Arte Contemporânea pela UERJ e doutoranda pela EBA/UFMG. Recebeu o Prêmio Funarte Mulheres nas Artes Visuais (2013) e finalista nos Prêmios Conrado Wessel; PhotoVisa Russia; Pierre Verger e Diário Contemporâneo.

Atuou como fotojornalista na Folha de S. Paulo; O Globo; O Tempo e Estado de Minas. Atualmente, além da pesquisa e da prática artística, dedica-se ao ensino.

Sylvia Vartulli

Sylvia Vartuli é designer gráfica e fotografa para seus projetos editoriais. Por prazer, e como estímulo à criatividade, agora aventura-se na fotografia e nas artes visuais de forma livre e sem pretensões ainda definidas. É graduada em Design Gráfico e pós-graduada em Gestão do Design pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG/FUMA). Trabalhou em agências, estúdios e houses em Belo Horizonte e desde 1998 atua como freelancer no desenvolvimento de design editorial de livros e em projetos diversos de design. Fez cursos livres de fotografia e em 2017 foi aluna do Núcleo de Estudos de Fotografia, Arte e Cultura (FAC).

Sylvie Moyen

Ainda criança, Sylvie Moyen aprendeu a fotografar com seu pai e a ver as cores do mundo misturando tintas no ateliê de sua mãe. É bacharel em Comunicação Social pela UFMG (1994) e mestre em Belas Artes pela Indiana University (Bloomington, 1999). Durante mais de 20 anos trabalhou como designer gráfico, sempre tendo a fotografia como atividade paralela. Foi aluna da Escola de Imagem e do Núcleo de Estudos de Fotografia, Arte e Cultura (FAC). Em 2017 migrou definitivamente para a fotografia, unindo duas paixões: viajar pelo mundo e realizar registros poéticos de sua diversidade. O Ensaio “Longe das Luzes” foi Pré-selecionado na Convocatória de Portfolio pelo Festival Paraty em foco, 2017.

Tibério França

Fotógrafo e professor de Fotografia da Escola Guignard/UEMG. Entre 2003 e 2006 foi curador da Primeira Fotogaleria de Belo Horizonte realizando exposições. Co-fundador do Núcleo Imagem Latente, coordenador do Forum Mineiro de Fotografia Autoral e realizador da Semana da Fotografia de Belo Horizonte. Membro do Colegiado Setorial de Artes Visuais do Ministério da Cultura no período de 2010 a 2013. Atual Presidente Nacional da Associação de Fotógrafos Fototech e Diretor Administrativo da Rede de Produtores Culturais de Fotografia no Brasil.

Vânia Barbosa

Vânia Barbosa nasceu em Pequi. Vive e trabalha em Belo Horizonte. Bacharelado em Artes Plásticas pela Escola Guignard. Pós-graduação em Arteterapia. Estudos com Castaño, Karin Lambrecht, Cristina Kubisch, Arthur Omar, Irene Kopelman, Claudi Carreras, Coletivo Versus Photo, Marcos Hill, Daisy Turrer, Maria Angélica Melendi. Coursou oito módulos no Núcleo FAC.

Exposições: Intervenção na Praça Sete, BH; Panorama da Arte Atual Brasileira, MAM, SP; Projeto Macunaíma, Funarte, RJ; Museu de Arte de Brasília; Museu de Arte Contemporânea - USP; Museu de Arte da Pampulha, BH; MAM- Bahia; MAHB, BH; Palácio das Artes, BH; Itaú Cultural, Vitória; Centro Cultural Cândido Mendes, RJ; Centro Cultural UFMG, BH; Curitiba, Pernambuco, Juiz de Fora, Uberaba, Santos, Ribeirão Preto, Erfurt, entre outros...

revista **ensaio** fotográfico

PRODUÇÃO:



APOIO:



FOTO PAUTA